

Título: Arte-Terapia a atuação no CAPS – Experiência em São João D’Aliança

Autora: Silza Freire Silva

1. Como surgiu a ideia? (Conte o que motivou o desenvolvimento da experiência. As ações desenvolvidas visavam atender a que situação, problema ou demanda?)

A ideia para o meu trabalho surgiu de uma inquietação que sempre carreguei comigo: como poderia a arte transformar a maneira como nos relacionamos com o meio ambiente e, ao mesmo tempo, com nós mesmos? Desde cedo, na minha trajetória autodidata, percebi o potencial criativo que os materiais descartados possuíam. Foi em 1990 que comecei a explorar isso mais profundamente, inspirada pela necessidade de ampliar a utilização do que consideramos "resíduos". Percebi que os materiais industriais, muitas vezes vistos como lixo, poderiam se transformar em verdadeiras obras de arte e utilitários, enquanto geravam conscientização sobre a sustentabilidade e a economia solidária.

A demanda que motivou o desenvolvimento dessa experiência veio da urgência em criar uma conexão mais profunda entre arte e consciência ambiental. Naquela época, não se falava tanto em sustentabilidade como hoje, e eu queria trazer isso de forma inovadora para o meu trabalho. A reutilização de materiais como forma de expressão artística se tornou o meu caminho para contribuir com essa causa, sensibilizando o público para a importância do reaproveitamento e, ao mesmo tempo, da preservação do nosso planeta.

Ao longo dessas mais de três décadas, esse impulso criativo me levou a atuar em diversas áreas artísticas — de figurinos à produção de cenografia e bonecos gigantes, sempre buscando unir estética e consciência ambiental. Também tive o privilégio de usar a arte como ferramenta terapêutica e educativa, e desde 2021, como arteterapeuta no Projeto “*Retratos Defiças*” (Retratos do Brasil com Deficiência - Universidade Ocidental/Canadá) e no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS-GO), busco ajudar a transformar a vida das pessoas por meio da arte. Meu trabalho ali vai além de “ensinar técnicas”; mas sim, criar espaços de expressão e cura, utilizando a arte como forma de acolhimento e reconexão com o meio ambiente e com a própria identidade.

Essa experiência tem sido uma resposta criativa e prática a uma demanda psicossocial e ambiental que, ao longo dos anos, só tem se fortalecido. Acredito que, por meio da arte, podemos continuar inspirando mudanças tanto nas pessoas quanto em suas comunidades e no mundo ao nosso redor.

2. Como era a realidade antes da experiência ser implementada? (Descreva o ambiente e o cenário, conte o que estava acontecendo no cotidiano quando surgiu a ideia).

O trabalho anteriormente realizado na instituição CAPS (São João d’Aliança/GO) na oficina de artesanato com a qual me deparei à minha chegada, baseava-se num processo de uso de materiais poluentes adquiridos sem refletir sobre o impacto ambiental causado pelo seu uso. Portanto, desde que ingressei na instituição, me propus a desenvolver um projeto focado na transformação social por meio da arte, buscando desconstruir esse modelo que polui e trazer soluções de práticas ecologicamente conscientes e artísticas, numa abordagem que se propõe ampliar a compreensão do ciclo gerador completo e mantenedor de uma sociedade de consumo desordenada, o qual contribui para o desequilíbrio climático do planeta.

A abordagem inovadora da Oficina de Arteterapia demonstrou também diversas possibilidades na produção de uma linha de peças artísticas e funcionais que contribuem na geração de trabalho e renda aos usuários da saúde mental. Ao mesmo tempo, durante os trabalhos transcorriam diálogos formativos sobre alimentação saudável e separação de resíduos. Além da ação ambiental em si, as práticas artísticas tiveram rebatimento direto na qualidade de vida da saúde mental das pessoas atendidas no CAPS, favorecendo a melhora do convívio familiar e social; logo, com potencial gerador de um ambiente comunitário mais saudável, pacífico e equilibrado nas relações humanas e contribuindo para a formação do bem-estar social e geração de renda.

3. Como foi o desenvolvimento da experiência? (Relate as atividades realizadas: o planejamento, a execução, as surpresas e os desafios enfrentados. De que modo aconteceu? Como foi o passo-a-passo da realização? Que etapas compreenderam o processo do trabalho? Foram feitas reuniões de organização? Quais dificuldades encontradas durante a realização e quais soluções foram desenvolvidas?)

O desenvolvimento dessa experiência foi uma jornada de aprendizado contínuo e transformação, tanto para mim quanto para os participantes. As oficinas começaram com um planejamento detalhado, no qual busquei criar atividades que integrassem arte, sustentabilidade e o fortalecimento da comunidade. Minha proposta era simples, mas potente: ensinar tecnologias sustentáveis através da arte, com foco na criação de objetos que pudessem melhorar a vida das pessoas em situação de vulnerabilidade. Começamos com a construção de fornos, fogões e desidratadores solares, ferramentas essenciais para a produção e beneficiamento de alimentos.

A ideia era que esses objetos não apenas trouxessem benefícios práticos para as famílias, mas também que pudessem ser vendidos, gerando renda. Assim, além de aprenderem a construir esses equipamentos, os participantes também estavam envolvidos na criação de peças artísticas que culminariam em uma exposição, onde os resultados seriam compartilhados com o público e vendidos. O processo trouxe surpresas positivas: a comunidade abraçou o projeto com entusiasmo, e os objetos criados foram vistos não só como utilitários, mas como símbolos de transformação, muito especialmente ao oportunizarem a ressignificação do olhar sobre si mesmos e de valorização em sua auto apreciação.

Contudo, os desafios apareceram cedo, e muitos vieram de onde eu menos esperava. A direção do CAPS, por exemplo, considerou as atividades inicialmente como algo “arriscado e até subversivo”. A preocupação era que a construção de fornos e fogões pudesse ser perigosa para os usuários, especialmente para aqueles com fragilidades psicológicas. Mas com paciência e diálogo, realizamos reuniões estratégicas, explicando o valor terapêutico e educacional das oficinas, além de reforçar o cuidado e a segurança em cada etapa do processo. Isso ajudou a superar a resistência inicial.

O passo-a-passo envolveu várias etapas importantes. Primeiro, foram realizados encontros de planejamento com a equipe e os participantes, para entender suas expectativas e alinhar os objetivos. As atividades começaram com oficinas introdutórias, abordando tanto as técnicas artísticas quanto as noções de sustentabilidade. Em seguida, passamos à execução prática, onde os participantes trabalharam coletivamente na criação dos objetos. A exposição final foi uma grande vitória para todos, um momento de celebração e de visibilidade para o esforço de cada um.

4. Quais os materiais e dispositivos utilizados para desenvolver a experiência? (Que recursos foram necessários para que a execução fosse possível? Utilizou-se material lúdico? Materiais pedagógicos? Técnicas de grupo? Peças de comunicação? Reuniões estratégicas? Assembleias? Supervisão clínica e institucional? Lembre-se que estes materiais podem ser enviados em formato de fotos, vídeos, áudios e outros arquivos.)

Para que essa experiência se concretizasse, utilizamos uma série de recursos. Os principais materiais foram resíduos industriais, reciclados e reaproveitados, que se transformaram em fornos/fogões/desidratador solar, puf de garrafas PET, biombos, cabideiros e mobílias, esses com diversos tipos de celulose. Além disso, técnicas de grupo foram fundamentais para promover o aprendizado colaborativo e a troca de ideias entre os participantes.

Recorri também a materiais pedagógicos lúdicos para tornar o processo mais acessível e dinâmico, especialmente nas fases iniciais, onde muitos ainda estavam inseguros sobre o que seria feito. Utilizamos ferramentas como manuais ilustrados, vídeos explicativos e sessões práticas supervisionadas para garantir que todos estivessem confortáveis com o processo.

A supervisão clínica e institucional também foi importante, garantindo que cada etapa estivesse alinhada aos objetivos terapêuticos do CAPS, e que a saúde emocional dos participantes fosse sempre uma prioridade. Apesar dos desafios, a solução veio da flexibilidade e da capacidade de adaptar o projeto às realidades que surgiam, sempre com o diálogo aberto e a participação ativa de todos.

5. Quais foram as mudanças produzidas / resultados alcançados? (O que foi modificado em relação a realidade que existia antes da experiência acontecer? Como a experiência contribui para a qualificação da RAPS)

As mudanças produzidas ao longo dessa experiência foram profundas, tanto no aspecto individual quanto coletivo. Antes do início das oficinas no CAPS, muitos dos participantes, especialmente aqueles em situação de vulnerabilidade, lidavam com a falta de perspectivas e de engajamento em atividades que lhes trouxessem sentido e pertencimento. Com o projeto, pude observar uma transformação gradual, mas poderosa, na maneira como essas pessoas se viam e se relacionavam com o mundo à sua volta.

Uma das primeiras mudanças percebidas foi o aumento da autoestima e da confiança dos participantes. A criação de fornos, fogões e desidratadores solares não só lhes deu habilidades práticas e técnicas, como também despertou um senso de capacidade e realização que antes estava adormecido. Muitos relataram que nunca imaginariam serem capazes de construir algo útil e bonito com suas próprias mãos. Essa mudança de perspectiva e apreciação, pessoal e social, é um dos resultados mais significativos do projeto.

Além disso, houve uma transformação no ambiente do CAPS. O espaço, que antes era visto apenas como um local de acolhimento clínico, se tornou também um lugar de produção criativa e de inovação. Isso modificou a rotina do centro, trazendo mais dinamismo e motivação para os usuários e para a equipe técnica. O envolvimento da comunidade local nas exposições e a venda dos objetos criados reforçou a sensação de integração e reconhecimento, tanto dentro quanto fora do CAPS.

Outro resultado importante foi a geração de renda para alguns dos participantes, através da venda das peças produzidas. Isso não só ajudou financeiramente, mas trouxe dignidade e independência,

contribuindo para que eles vissem valor no trabalho colaborativo e na autogestão. Esse aspecto reforça os princípios da economia solidária, que permeiam minha metodologia de trabalho.

Em relação à Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), a experiência qualificou os serviços oferecidos ao proporcionar um novo tipo de intervenção terapêutica. Ao introduzir a arte e a sustentabilidade como ferramentas de cuidado, conseguimos ampliar o alcance das práticas terapêuticas tradicionais. A construção de objetos utilitários com materiais reciclados, além de ter impacto ambiental positivo, ajudou a promover o bem-estar emocional dos participantes, oferecendo uma forma criativa de expressão e cura.

Essa experiência provou que é possível integrar práticas de arteterapia com soluções sustentáveis e tecnologias simples, beneficiando diretamente a saúde mental e emocional dos usuários do CAPS. A introdução dessas atividades na rotina do centro trouxe uma nova perspectiva para a equipe multiprofissional, que agora reconhece o valor das abordagens criativas e sustentáveis no processo terapêutico.

Ao final, o que antes era um espaço de acolhimento limitado por práticas convencionais de saúde mental, tornou-se um verdadeiro centro de transformação pessoal e social, qualificando a atuação da RAPS e promovendo a inclusão, a autonomia e a dignidade dos seus usuários.

6. Conte o que você aprendeu com o processo vivenciado e que poderia ajudar outros trabalhadores na implementação de experiências como essa. (Relate detalhes que podem ajudar outros colegas, na adaptação e implementação em contextos diversos.)

Sim, enquanto educadora, com vínculo funcional junto ao Centro de Atenção Psicossocial - CAPS, órgão vinculado à Secretaria de Saúde de São João D'Aliação, integrada à equipe multidisciplinar, atuo na função de arteterapeuta e educadora ambiental junto aos pacientes, com produção de peças artísticas e utilitárias, como: forno/fogão/desidratador solar, cabideiros, biombos, pufs de garrafa pet, mobiliários, instrumentos musicais de percussão, brinquedos populares, arranjos de flores para decoração, móveis, entre outras ideias e produtos produzidos durante as oficinas. As peças são produzidas com reaproveitamento de materiais de reciclagem, somado a produtos industrializados: cola, tinta, papel, tecido, entre outros materiais.

Enquanto engenheira popular, desenvolvo e ensino a produção de tecnologias sustentáveis para a produção de alimentos: forno, fogão e desidratador solar; coletor de resíduos orgânicos e secos e produção de adubo orgânico.

Como “*médica Griô*” que usa a potência da oralidade e as partilhas de experiências de vida, atuo na conscientização dos pacientes sobre a importância das práticas de alimentação saudável, buscando a auto responsabilidade por suas ações cotidianas para a melhora de sua qualidade de vida, de sua própria comunidade e do planeta.

Tais práticas favorecem a mudança de comportamento social, ao compreenderem que as suas ações têm consequências benéficas ou destrutivas para si mesmos, seu próximo e o ambiente; somado à conscientização de seu papel e responsabilidade social, como por exemplo: sou a própria economia quando gero ideias e produtos e faço circular a economia local.

7. Houve relação entre diferentes serviços da RAPS? Quais? Como se deu essa relação? (Descreva como se deu essa articulação, os desafios e oportunidades)

Durante os últimos três anos, período de desenvolvimento do projeto de arteterapia no CAPS do município de São João d'Aliação/GO, ainda não alcançamos a articulação almejada com os serviços da RAPS. Penso que um importante desafio identificado para que a implementação de estratégias em rede possa acontecer se refere ao fato das relações entre os órgãos que compõem a RAPS se limitarem a *encaminhamentos de pacientes exclusivamente para atendimento* no escopo das competências de cada um deles. Por sua vez, a comunicação e intercâmbio institucional na RAPS é bastante reduzida no que se refere aos diversos serviços oferecidos e os profissionais que os integram, limitando a comunicação e as parcerias entre os projetos desenvolvidos; assim como, a divulgação dos resultados alcançados. No âmbito do próprio CAPS, os desafios junto à equipe são de ordens diversas, como por exemplo, concepções diferentes de abordagens na saúde mental e de práticas interdisciplinares em saúde.

Como pude constatar ao longo do desenvolvimento da Oficina de arteterapia, a arte vem demonstrando ser uma importante estratégia social agregadora, com potencial de reunir os diferentes públicos atendidos nos diversos serviços da RAPS; bem como, de favorecer a comunicação em rede e a formação de uma tecnologia social com viabilidade de ser replicada. Entretanto, parece ainda ter um reduzido alcance em sua implementação na Rede de Atenção Psicossocial em âmbito local e nacional.

8. O que te mobiliza no cotidiano do trabalho na RAPS? (Que aspectos motivadores motivam o seu dia a dia)

Constatar que as pessoas frequentam a oficina de artes em busca de uma melhor qualidade de sua saúde mental, confirmada pela forte adesão do público atendido no CAPS a essas atividades terapêuticas, registrada pela alta frequência e motivada participação nas oficinas de arte, traduzida na produção de belas peças artísticas e funcionais.

Também me mobiliza observar a transformação da minha comunidade como reflexo das vivências terapêuticas que lhes dão estímulos de vida e a possibilidade da criação de novos afetos ao ter contato com a arte e a criatividade em si mesmos.

Desse modo, aspecto motivador de fundamental importância, se refere à evolução e melhora dos processos psico-afetivos dos pacientes, e o alcance de suas transformações pessoais e sociais, o que pude presenciar no decorrer do tempo por meio da observação direta, registrada nos prontuários, e dos depoimentos e compartilhamentos dessas experiências durante as oficinas, eventualmente registradas por meio audiovisual, com alguns exemplos aqui compartilhados em imagens.

9. O que você conta do que você sentiu durante a realização dessa experiência? Como foi lidar com esses sentimentos? (Quais emoções e sensações foram vivenciadas ao longo da prática realizada? Sentiu medo, impotência, satisfação, alegria ou realização no trabalho?)

Foram diversos os desafios vivenciados no desenvolvimento da oficina de arteterapia a partir da abordagem inovadora como a que me propus. O atendimento na então denominada “Oficina de artesanato” no CAPS estava suspenso há quase 2 anos, sem um grande empenho em sua retomada, por não haver motivação dos pacientes e estímulo à participação destes na oficina. Iniciei o projeto da oficina de arte com uma abordagem terapêutica diferenciada, inovadora e com potencial

transformador pessoal e socialmente, de trazer a arte como estratégia de ação social consciente e responsável: “a saúde mental do humano está ligado à saúde do planeta e vice-versa”. Tais concepções exigiram, e ainda exigem, diálogo e reflexão constante junto à equipe, sobre uma arte mais sustentável e uma abordagem terapêutica de criação, produção e montagem de peças artísticas e utilitárias.

Durante a oficina, ao longo de todo o processo de produção dessas peças, os participantes são estimulados em sua criatividade e habilidades; além do desenvolvimento de um ambiente crítico-reflexivo sobre questões ambientais e o papel de cada um no processo de preservação do meio ambiente; assim como, sobre saúde alimentar e qualidade de vida. Desse modo, são também propostas dessa oficina promover a inclusão social, geração de renda, formando futuros empreendedores e pessoas conscientes quanto à questão do respeito a si próprios, ao meio ambiente e, conseqüentemente, à terra e sua natureza. Proposta essa, portanto, totalmente ecológica buscando conduzir o participante a uma reflexão crítica sobre seu comportamento em relação às suas ações de consumo, qualidade alimentar, desperdício e produção de resíduos, relações essas que podem vir a contribuir, seja para a preservação ou para a degradação ambiental.

Hoje a sensação de bem-estar e contentamento é muito grande por ver a mudança de comportamento dos pacientes em relação a suas ações de consumo, com ações transformadoras ao demonstrarem, por exemplo, a adesão à ideia de separar e trazer a própria matéria prima (os resíduos que geram em suas casas já separados), para transformar em objetos de arte. Por sua vez, o desenvolvimento de habilidades manuais, de modo criativo, contribui ao bem-estar mental, melhorando sua condição geral de saúde. Compreendo que meu trabalho trouxe inovação com o agregar de valor em arte criativa utilitária sustentável ao integrar a componente da educação ambiental à qualidade de saúde mental; e ainda, com um forte potencial de geração de renda.

10. Como você e sua equipe lidam com os sentimentos que emergem da prática profissional? (Diante de situações adversas, sentimento de impotência e dúvida, há espaços de acolhimento? Como se apoiam para cuidar da saúde e do bem-estar dos colegas de trabalho?)

A troca de experiências entre os profissionais ainda está em processo de construção, por enquanto se limitando aos estudos de caso realizados nas reuniões de equipe. Espaço este também utilizado para compartilhar os desafios relacionais e institucionais encontrados durante as práticas.

As atividades desenvolvidas no atendimento aos pacientes ainda acontecem de modo estanque, desenvolvidas separadamente por cada área profissional.

11. Como a arte e a cultura se inserem no cotidiano, nas práticas? (Estas são dimensões valorizadas como determinantes? De que maneira são trabalhadas?)

Além da ação ambiental em si, as práticas artísticas têm rebatimento direto na qualidade da saúde mental das pessoas atendidas no CAPS, favorecendo a melhora do convívio familiar e social; logo, gerando um ambiente comunitário mais saudável, pacífico e equilibrado nas relações humanas e contribuindo para a formação do bem-estar social e geração de renda.

As atividades são oferecidas a todos os pacientes atendidos no CAPS, os quais frequentam as oficinas de arteterapia e educação ambiental sob minha responsabilidade. Essas pessoas reproduzem

as aprendizagens em seu ambiente familiar, ampliando os resultados para sua comunidade em: educação ambiental, saúde mental, criação artística e geração de renda, promovendo melhora da qualidade de vida e do bem-estar social.

12. Como a questão do trabalho e da geração de renda se inserem no cotidiano, nas práticas? (Estas são dimensões valorizadas como determinantes? De que maneira são trabalhadas?)

Nas oficinas, ensinando a desenvolver tecnologias sustentáveis em arte de ideias que favorecem a comunidade com a criação de objetos que auxiliam na vida da comunidade, favorecendo as pessoas em situação de vulnerabilidade com a construção de forno, fogão e desidratador solar para produção de alimentos e seu beneficiamento. A realização de exposição dos objetos diversos artísticos e utilitários criados e o resultado das peças produzidas serem vendidas na exposição.

13. Como a dimensão da habitação se insere no cotidiano, nas práticas? (Esta é uma dimensão valorizada como determinante? De que maneira é trabalhada?)

Pelo meu conhecimento, esta é uma dimensão que não se insere especialmente no cotidiano das práticas desenvolvidas no CAPS onde atuo, não sendo considerada determinante nos trabalhos realizados.

Registros Fotográficos

Retratos Defiças<>⋮✕



Exhibition | Retratos Defiças BR

As fotos podem ter direitos autorais. Saiba mais

Visitar >

Arte cura | Retratos Defiças BRVisitar✕

As fotos podem ter direitos autorais. Saiba mais

Compartilhar

Salvar



Retratos Defiças

Arte cura | Retratos Defiças BR



⚠️ Sistemas da arte nós-digital

Retratos Defiças<>⋮✕



Arte cura | Retratos Defiças BR

As fotos podem ter direitos autorais. Saiba mais

Visitar >

Compartilhar

Salvar



Arte-educadora em atividade de instalação. CAPS 2023



Peças Artísticas utilitárias 100 % ecológicas e painel decorativo pintado pelos pacientes. CAPS 2023



Luminárias em papel saco de cimento, 100% ecológico. CAPS/2023



Pacientes na Oficina de arteterapia, desenvolvendo suas habilidades e criatividade. Construção de puf com pet e saco de cimento. CAPS/2023



Técnica de tecelagem no papelão. CAPS/2022



Conjunto das peças produzidas em tear.



Construção de desidratador solar de alimentos, feitos com caixas de papelão e isopor, e saco de cimento. 100 % ecológico. CAPS/2022



Desidratador solar 100% ecológico, produzindo tomate seco. CAPS/2023



Desidratador solar 100 % ecológico, produzindo banana desidratada. CAPS/2022





Exposição das peças artesanais 100 % ecológicas produzidas pelos pacientes do CAPS 1 - Flor do Cerrado, expostas no evento setembro amarelo, prevenção do suicídio. 2022



Etapas da produção de poltrona, a partir de materiais reutilizáveis: potes plásticos, saco de cimento lavado e colado com cola-goma. Oficina de arteterapia. CAPS/2024



Poltrona, etapa de acabamento utilizando técnica de colagem de tecidos sobrepostos. Oficina de arteterapia. CAPS/2024.



Preparação do material para produção de cesta. Técnica papel revista trançada. Oficina de Arteterapia, CAPS/2024.



Cesta feita com papel de revista trançado. Oficina de Arteterapia, CAPS/2024.



Cesta feita com papel revista trançado, finalizada com pintura. Oficina de Arteterapia, CAPS/2024



Puf feito com garrafa Pet, recoberto com papel de saco de cimento lavado e tingido, aplicado com cola branca. Oficina de Arteterapia, CAPS/2024.



Oficinas de Arteterapia, CAPS/2024



Produção de arranjos florais. Oficina de Arteterapia, CAPS/2024



Arranjo floral. Oficina de Arteterapia, CAPS/2024



Arranjo floral. Oficina de Arteterapia, CAPS/2024